

LÍNGUAS ROMÂNICAS, LÍNGUAS GERMÂNICAS, MOVIMENTO DO VERBO E EFEITO V2

Carlos Felipe da Conceição PINTO¹

RESUMO: Este trabalho pretende discutir a sintaxe da ordem de palavras e o efeito V2 em diferentes línguas. A primeira parte do texto faz uma pequena introdução do assunto. Na seção 2, fazemos uma discussão formal sobre o efeito V2 em diferentes línguas. Interessa-nos propor uma análise unificada, dentro de uma visão cartográfica, que dê conta da variação do fenômeno V2 nas línguas germânicas e românicas modernas e antigas. Na seção 3, discutimos fatos referentes à ordem de palavras e efeito V2 na história do espanhol e apresentamos a metodologia empregada na análise. Neste sentido, interessa-nos saber o que mudou com relação à ordem de palavras e efeito V2 na história do espanhol e quais foram as suas possíveis causas. Finalmente, tecemos algumas considerações sobre a relação entre teoria da gramática e sócio-história na explicação da mudança lingüística.

Palavras-chave: Sintaxe Comparada, Movimento do Verbo, Efeito V2, Sintaxe do espanhol.

RESUMEN: Este trabajo pretende discutir la sintaxis del orden de palabras y el efecto V2 en diferentes lenguas. La primera parte del texto hace una pequeña introducción del tema. En la segunda sección, discutimos formalmente el efecto V2 en diferentes lenguas a fin de proponer un análisis unificado, a partir de una visión cartográfica, que explique el fenómeno V2 en las lenguas germánicas y románicas antiguas y modernas. En la tercera sección, discutimos los hechos que se refieren al orden de palabras y al efecto V2 en la historia del español. En este sentido, nos interesa saber qué causó el cambio y sus posibles causas. Por fin, hacemos algunas consideraciones sobre la relación entre teoría gramatical y sociohistoria en la explicación de la evolución lingüística.

Palabras-clave: Sintaxis Comparada, Movimiento del Verbo, Fenómeno V2, Sintaxis del español.

1. Introdução

A partir da década de 1980, com os desenvolvimentos da Teoria de Princípios e Parâmetros, os estudos em sintaxe gerativa puderam dar um avanço muito grande em relação aos modelos teóricos anteriores, dedicados aos estudos de regras e operações de transformações que só podiam dar conta de línguas particulares. Neste novo modelo teórico, enfatiza-se, então, a existência de uma faculdade da linguagem, que contém princípios universais e invariáveis e, ao mesmo tempo, uma gama de princípios variáveis em aberto, os parâmetros, que seriam os responsáveis pela diferenciação entre as línguas. Assim, a variação das línguas humanas seria explicada pela diferença de fixação paramétricas e não pelo aprendizado de regras específicas.

¹ Aluno do Doutorado em Lingüística da UNICAMP. Bolsista da FAPESP. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Charlotte Marie Chambelland Galves. Agradeço à Prof^ª Dr^ª Mary Kato pelos comentários feitos como debatedora no XV SETA e à Prof^ª Dr^ª Ilza Ribeiro pelos comentários que fez ao texto em outra ocasião. Todos os erros que persistirem são de minha inteira responsabilidade.

Além de alavancar os estudos comparativos entre línguas diferentes, a fim de entender o que são os parâmetros e explicitar seu funcionamento, a Teoria de Princípios e Parâmetros também possibilitou o estudo comparativo entre fases (e variedades) diferentes de uma mesma língua, tendo em vista que sincronias diferentes podem ser consideradas gramáticas, e portanto, sistemas lingüísticos, diferentes. Além disso, como comentado por Paixão de Sousa (2004), os estudos em sintaxe diacrônica são relevantes não apenas pela mera comparação de fases diferentes de uma mesma língua, mas pelo estudo das causas, das dinâmicas e dos processos da mudança lingüística.

Dentro desse modelo teórico, é pioneiro o trabalho de Pollock (1989), que compara o inglês com o francês com relação ao posicionamento do verbo e conclui, a partir de sentenças como

- (1) a. John often **kisses** Mary.² (inglês)
 “João freqüentemente beija a Maria”
- b. Jean **embrasse** souvent Marie. (francês)
 “João beija freqüentemente a Maria” (Pollock, 1989, p. 367)

que há um parâmetro que distingue as duas línguas no sentido de que, em uma, o francês, o verbo deve se mover de sua posição de base (V) para uma posição mais alta (I³) e, em outra, o inglês, o verbo se mantém em sua posição de base tendo em vista o contraste entre a ordem do verbo e do advérbio, que são os mesmos, nas duas línguas conforme mostram os exemplos acima. Além dessas duas posições, o verbo pode se mover para uma posição mais alta (C), cujas evidências são tomadas a partir de línguas V2.

Simplificadamente, uma língua V2 é uma língua em que o verbo finito aparece na segunda posição da sentença precedido por somente um constituinte, que pode ter qualquer função sintática. Quando este constituinte que precede o verbo não é o sujeito, o sujeito aparece imediatamente após o verbo, como ilustram os exemplos em (2):

² Destacamos, nos exemplos do texto, o verbo em discussão com negrito.

³ IP pode ser traduzido para o modelo atual como TP. Além disso, Pollock (1989) divide o IP em outras projeções como AgrP e TP. Seguindo uma visão cartográfica, como a Rizzi (1997) entre outros, assumimos que essas projeções VP, IP/TP e CP possuem mais categorias. Contudo, por motivo de simplificação da exposição, só as desmembraremos quando/se for relevante.

- (2) a. André **het** gister die storie geskryf
 “André tem ontem a história escrito”
- b. Gister **het** André die storie geskryf
 “Ontem tem André a história escrito”
- c. Die storie **het** André gister geskryf
 “A história tem André ontem escrito”
- d. Nêrens **praat** mense meer Latyn nie
 “Em nenhum lugar falam as pessoas mais latim”
- e. Wat **lees** jy vandag?
 “O que lê você hoje” (Biberauer, 2002, p. 19)

As línguas V2 têm sido divididas tradicionalmente em dois grupos: a) línguas assimétricas, nas quais o V2 é possível apenas em orações principais e é analisado como sendo decorrente de um movimento mais longo do verbo para C, tendo em vista que, na oração subordinada, o verbo não poderia se mover para C já que o complementizador estaria ocupando esta posição; b) línguas simétricas, nas quais o V2 é possível tanto em orações principais como em subordinadas e é analisado como decorrente de um movimento curto do verbo para I.

Recentemente, no Programa Minimalista, Chomsky (1993, 1995) reduz a diferença paramétrica entre as línguas a partir da noção de força dos traços dos itens lexicais funcionais. Se um determinado item tem um determinado traço forte, esse item deve se mover na sintaxe visível para checar o seu traço. Se, pelo contrário, um determinado item tem um determinado traço fraco, esse item procrastina.

Em modelos minimalistas ainda mais recentes, esse traço forte foi caracterizado como um traço EPP. Inicialmente, o EPP (*Extended Projection Principle*) estava associado à obrigatoriedade de existência de um sujeito sintático tendo em vista que, em algumas línguas, há um pronome expletivo realizando essa função mesmo com aqueles verbos que não selecionam semanticamente um sujeito, como é o caso de “it rains” (chove) do inglês. Posteriormente, ter um (traço) EPP passou a significar, muito simplificada, que a posição de especificador de uma categoria deve ser preenchida. Por outro lado, com relação ao movimento de núcleos, há uma discussão no sentido de que tal movimento não é um fenômeno da sintaxe, mas da interface com a forma fonológica (cf. Zwart, 2001).

1.1. *Objetivos da pesquisa*

Os objetivos gerais da tese em andamento são dois:

- 1) realizar um estudo da posição do verbo/efeito V2 na história do espanhol, identificando as mudanças ocorridas e suas possíveis causas;
- 2) comparar o efeito V2 nas línguas românicas e germânicas antigas e atuais⁴ a fim de caracterizar o que é, de fato, o fenômeno V2.

2. Uma análise comparativa do V2

Como comentamos acima, as línguas V2 têm sido divididas em dois grupos: línguas assimétricas, nas quais o V2 é possível apenas em orações principais, e línguas simétricas, nas quais o V2 é possível tanto orações principais como em subordinadas. Os exemplos em (3) do alemão e (4) do ídiche a seguir ilustram casos de línguas assimétricas e simétricas respectivamente:

- (3) a. Das Buch **kauft** Hans gestern.
 “O livro comprou Hans ontem”
- b. ... dass Hans dans Buch gestern **kauft**.
 “...que Hans o livro ontem comprou” (Torres Morais, 1995, p. 64)
- (4) a. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.
 “Na avenida vai o menino ver um gato”
- b. az oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats
 “que na avenida vai o menino ver um gato” (Santorini, 1989 apud Fontana, 1993, p. 69)

2.1. *O V2 nas orações subordinadas*

A partir das diferenças ilustradas em (3) e (4), com relação à ordem de palavras nas orações subordinadas, se assumia que as línguas assimétricas eram línguas V2 genuínas porque o V2 só se manifestava na oração principal e que o V2 era bloqueado nas orações subordinadas

⁴ Hernanz e Brucart (1987) comentam que o walpiri, língua aborígine australiana, é uma língua V2. Caso encontremos referências sobre línguas V2 não indo-européias, incluiremos esses tipos de línguas na análise. Destacamos que apenas os dados do espanhol serão nossos. Os dados de outras línguas serão coletados das diversas referências existentes para o fenômeno.

porque o núcleo C já estava ocupado pelo complementizador. As línguas V2 simétricas eram analisadas como línguas V2 “mais frouxas” e o verbo se movia somente até IP.

Com base nos trabalhos de Rizzi (1991), Ribeiro (1995), Vikner (1995) e Biberauer (2002), podemos sintetizar cinco tipos de línguas V2 com relação às orações subordinadas:

- 1) línguas como o alemão: V2 em completivas de verbos-ponte⁵, sem realização do complementizador;
- 2) línguas como o dinamarquês: V2 só em completivas de verbos-ponte, mas com realização fonética do complementizador;
- 3) línguas como o islandês: V2 em qualquer tipo de sentença subordinada e com realização fonética do complementizador;
- 4) línguas como o francês medieval: V2 em completivas de verbos-ponte, sendo facultativa a realização fonética do complementizador;
- 5) línguas como o inglês moderno: V2 somente em orações marcadas, como as interrogativas (V2-residual).

Se o problema das análises V2-CP e V2-IP se deve exclusivamente à competição entre complementizador e movimento do verbo nas orações subordinadas, uma visão cartográfica, no sentido de Rizzi (1997) e trabalhos subsequentes, pode dar conta do fenômeno e explicar todos os tipos de efeito V2 nas subordinadas a partir de um movimento generalizado do verbo para CP quando o V2 é manifestado nas subordinadas. Rizzi (1997), seguindo trabalhos de Larson (1988) e de Pollock (1989), por exemplo, que mostram que o VP e o IP têm mais do que uma camada, propõe a seguinte estrutura para o CP:

(5) [ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP [IP...

(esqueleto do CP a partir de Rizzi, 1997)

Como o CP possui várias posições, não há restrição de que um e apenas um elemento ocupe essa posição (ou o verbo ou o complementizador, por exemplo). Além disso, não se faz necessário postular a recomplementação (CP1 e CP2) no caso de verbos-ponte⁶, como é suposto em versões não cartográficas, para explicar a existência de V2 com a realização do complementizador.

⁵ Isso implica que em completivas factivas, completivas nominais, orações relativas etc, o efeito V2 não é observado.

⁶ Os verbos pontos são aqueles verbos como “dizer”, “pensar” etc.

Nossa análise, baseada em Chomsky (1993, 1995), no sentido de que a força dos traços é o que vai desencadear ou não o movimento, propõe que a diferença entre essas orações subordinadas se deva ao fato de que, em umas línguas, como o alemão, o complementizador sozinho poderia checar EPP e o movimento do verbo para C⁷ não seria desencadeado, enquanto em outras, como o islandês, o verbo necessitaria se mover, mesmo com o complementizador, para chegar EPP.

No caso das línguas em que o efeito V2 aparece somente nas completivas de verbo-ponte, seguindo o comentário de Torres Morais (1995) de que o tempo de orações completivas de verbos-ponte são independentes do tempo da oração principal e essas orações se comportam como orações matrizes, podemos supor que o V2 é categoricamente desencadeado, a presença do complementizador é irrelevante para a checagem e as línguas poderiam escolher entre usar o complementizador ou não. Com relação ao francês antigo, cujo aparecimento do complementizador em completivas de verbos-ponte é facultativo, podemos seguir a análise de Arteaga (1998), que propõe uma variação na força dos traços do francês⁸, o que ora desencadeia movimento para C, derivando uma ordenação V2, ora desencadeia apenas o movimento para I, derivando uma ordem não-V2.

⁷ Notar que o verbo pode realizar um ou dois movimentos. Nas línguas não V2, como o francês, o verbo se move do V para I a fim de chegar traços morfológicos de tempo, por exemplo. Nas línguas V2, como o alemão, além desse movimento V-to-I, o verbo faria um segundo movimento I-to-C, que seria desencadeado por outros fatores. Assim, os movimentos V-to-I e I-to-C são motivados por fatores independentes, sendo que o segundo movimento (I-to-C) só é possível se a língua tiver o primeiro movimento disponível. Neste sentido, observe-se o caso do inglês, no qual a inversão em interrogativas só é possível com verbos modais e auxiliares. Com verbos temáticos, é necessária a inserção do verbo “do-suporte” como ilustram os contrastes entre (i) e (ii):

- (i) a. Mary **is** in Brazil. (declarativa)
b. Where **is** Mary? (interrogativa)
- (ii) a. Mary **bought** a car. (declarativa)
b. What **did** Mary buy? (interrogativa)

Essa assimetria no inglês é explicada da seguinte maneira: os verbos temáticos são inseridos no VP e não se movem dessa posição (ver o contraste entre o inglês e o francês observado por Pollock, 1989); por outro lado, os verbos auxiliares e modais, como são elementos funcionais, são inseridos diretamente em I e por isso permitiriam esse movimento residual I-to-C em interrogativas.

⁸ A análise de Arteaga (1998) com relação à opcionalidade, sem nada mais que a explique, dentro do modelo teórico pode ser contestada tendo em vista que o parâmetro deve ser fixado como + ou -, não havendo a possibilidade de parar no meio do caminho. Contudo, a análise de Arteaga (1998) pode ser “salva” se a gente considera o trabalho de Vance, Donaldson e Steiner (2009), que mostram que já no século XIII o francês havia afrouxado o fenômeno V2 indicando um processo de mudança lingüística. Assim, podemos supor que a opcionalidade proposta por Arteaga (1998) se deva a uma competição de gramáticas.

Em adição, Rizzi (1997) propõe que as projeções TopP e FocP só são projetadas quando há algum elemento discursivo enquanto as projeções ForceP e FinP são obrigatórias. Podemos supor, portanto, que nas línguas V2 simétricas, ForceP e FinP formam projeções diferentes enquanto, nas línguas V2 assimétricas, formariam projeções sincréticas.

Outro ponto a se destacar nas orações subordinadas das línguas V2 assimétricas⁹ é que a ordenação dos constituintes não é uniforme. Torres Morais (1995) comenta que, no caso das línguas assimétricas, o alemão e o holandês, cuja ordem é SOV, contrastam com o dinamarquês, norueguês e sueco, cuja ordem é SVO. Os exemplos em (6) ilustram o contraste entre o alemão e o norueguês:

- (6) alemão
 a. ...dass Hans dans Buch **kauft**.
 “...que Hans o livro comprou” (Torres Morais, 1995, p. 64)

- norueguês
 b. ...at Jens **skjønte** dette spørsmålet.
 “...que Jean entendeu esta questão”
 (adaptado de Taraldsen, 1986 apud Torres Morais, 1995, p. 65)

Inicialmente, a diferença entre a ordem OV e VO das duas línguas acima era explicada com o argumento de que o alemão é uma língua de núcleo final e o dinamarquês é uma língua de núcleo inicial. Contudo, a partir do trabalho de Kayne (1994), a ordem básica universal é SVO e qualquer outra ordem diferente deve ser derivada a partir de outros movimentos e não, como inicialmente era proposto, pela alteração da posição do núcleo. Desta forma, o movimento do verbo (ou de outros constituintes) nas orações subordinadas das línguas assimétricas varia a depender da língua. De todos os modos, de acordo com a nossa análise, nessas línguas assimétrica, o único movimento que pode ser desencadeado é o V-to-I. O movimento I-to-C não tem motivação porque o complementizador já teria chegado o EPP no CP sincrético.

2.2. O V2 nas orações matrizes

Com relação às orações matrizes, três fatos nos interessam:

⁹ Lembrar que a disposição dos constituintes ns orações subordinadas das línguas V2 simétricas é idêntica à distribuição das orações matrizes: qualquer constituinte pode preceder o verbo. Caso esse constituinte não seja o sujeito, o sujeito vem imediatamente depois do verbo finito.

O primeiro está relacionado com a natureza mesma do efeito V2. Ou seja: o que estaria desencadeando o efeito V2 nas diferentes línguas e para que posição o verbo se move considerando uma estrutura cartográfica como a de Rizzi (1997)¹⁰. Mary Kato, em comunicação pessoal, pontua que o português brasileiro, por exemplo, é uma língua que não gosta de deixar o verbo em primeira posição. Biberauer (2002) mostra que somente 1% dos seus dados do V2 em uma parte da história do afrikans são de objetos fronteados; todos os outros dados são de sujeitos e alguns tipos específicos de advérbios. Podemos, então, nos questionar se V2 é uma restrição estrutural ou linear. Caso seja linear, é possível supor que as línguas podem satisfazer o V2 em diferentes posições estruturais¹¹.

O segundo fato que nos interessa é a diferenciação entre línguas V2 simétricas e assimétricas com relação ao posicionamento do verbo nas orações matrizes. Como comentamos acima, a análise tradicional do V2 propõe que nas línguas assimétricas o verbo se move para C e nas línguas simétricas o verbo se move para I. Conseguimos resolver a diferença nas orações subordinadas entre as línguas recorrendo ao CP cindido de Rizzi (1997) e à variação na força dos traços formais. Contudo, nos interessa averiguar se há evidências independentes para a postulação dessas análises V2-CP e V2-IP. Em síntese: se essas análises estão corretas, esperamos encontrar alguma diferença na ordenação de constituintes em orações matrizes do alemão e holandês, por um lado, e do iídiche e do islandês, por outro lado. Como consequência disso, necessitaremos repensar a situação das orações subordinadas.

Em terceiro lugar, parece haver um problema na caracterização do V2 quando se consideram as línguas germânicas modernas línguas V2 prototípicas e essas línguas são comparadas outras línguas tipo-V2. As línguas germânicas modernas não possuem sujeito nulo; já as românicas antigas possuíam sujeito nulo. Esse fato pode oferecer alguma variação na manifestação e análise do fenômeno V2. Algumas análises propuseram que, nas construções V1, um elemento nulo, como *pro*, ocupava a posição specCP satisfazendo o V2. No entanto, se V2 estiver, de fato, relacionado com algum traço EPP, se faz necessário o movimento de algum

¹⁰ A segunda pergunta é a mesma para o caso das orações subordinadas.

¹¹ Neste ponto, queremos distinguir o tipo de V2 germânico, em que, segundo supomos, o verbo se move sempre para C, de outros tipos de V2. É interessante notar a diferença das germânicas para o afrikans no seguinte ponto: a ordem OV é bastante freqüente nas germânicas em geral e raríssimo no afrikans. Se o V2 fosse um fenômeno unitário, esperávamos encontrar as mesmas possibilidades em todas as línguas, pelo menos com relação à ordenação dos constituintes em orações matrizes, o que não parece acontecer.

constituente para essa posição. Assim, esperamos encontrar casos de *pro*, numa língua V2 rigorosa, somente em posição pós-verbal.

Resumindo a história que contamos até aqui, com relação ao efeito V2, temos as seguintes perguntas principais a serem respondidas:

- 1) Qual é de fato a natureza do V2 e para que posição o verbo se move em sentenças matrizes e subordinadas que exibem o efeito V2?
- 2) Quais são as evidências independentes para postular dois tipos distintos de movimento de verbo refletindo V2 simétrico e assimétrico?

3. O caso do espanhol

Fontana (1993) propõe que o espanhol antigo se assemelhava a uma língua V2 como o iídiche ou islandês atuais línguas nas quais o efeito V2 se manifesta tanto em orações matrizes como em orações subordinadas, como ilustram os exemplos em (7) do espanhol antigo:

- (7) a. Este logar **mostro** dios a abraam.
 “Este lugar mostrou Deus a Abraão”
- b. A micer May, que era embaxador en Roma, **hizo** S.M. Vicechancellor.
 “A micer May, que era embaixador em Roma, fez S.M. Vice-chanceler”
- c. ...dixol ...que nunca **fiziera** el rrey cosa por =le fazer plazer
 “Disse-lhe que nunca faria o rei algo para lhe agradar”
- d. Quando esto **oyo** el Rey [...] (Fontana, 1993, p. 64/72)
 “Quando isto ouviu o Rei...”

Contudo, o autor comenta que o espanhol perdeu tal propriedade ao longo de sua história devido a uma mudança na posição SpecIP. O autor não explica qual seria essa mudança tendo em vista que seu objeto de estudo era a história dos clíticos e não a posição/movimento do verbo.

Por outro lado, Zubizarreta (1998), a partir de exemplos como em (8), com a inversão VS, considera o espanhol moderno uma língua V2, com uma posição SpecIP sincrética¹² no mesmo sentido que o espanhol antigo:

¹² O SpecIP sincrético é uma posição que tanto pode funcionar como uma posição argumental – posição A –, ou seja, a posição do sujeito da sentença, como uma posição não argumental – posição A-Barra –, ou seja, uma posição que tolera qualquer outro tipo de elemento.

- (8) a. A menudo **juegan** niños en este parque.
“Frequentemente brincam crianças neste parque”
- b. Todos los días **compra** Juan el diario.
“Todos os dias compra Juam o jornal” (Zubizarreta, 1998, p. 100/109)

Daí há um choque com a proposta de Fontana (1993) num ponto crucial: o espanhol não teria passado por nenhuma mudança gramatical com relação à sintaxe da posição do verbo/efeito V2. No entanto, como bem evidenciado por Fontana (1993) com diversos aspectos da gramática do espanhol moderno e do espanhol antigo¹³, de fato, parece ter havido uma mudança gramatical no espanhol com relação à sintaxe de posição do verbo/efeito V2 por volta do século XVI¹⁴.

Zubizarreta (1998) comenta que a ordem VS no espanhol moderno está em declínio e Hernanz e Brucart (1987), relacionando a ordem de palavras com a estrutura informativa da sentença (tópico e foco) no espanhol moderno, mostram que: a) com a topicalização, é possível a ordem Tópico-SV e com a focalização a única ordem possível é Foco-VS¹⁵; b) não é todo elemento que pode ser topicalizado, ao contrário da focalização, que não impõe restrições de fronteamto. Os exemplos em (9) ilustram o primeiro caso e os exemplos em (10) ilustram o segundo caso:

- (9) a. EN PRIMAVERA **visitó** Juan Leningrado¹⁶.
“em primavera visitou Juan Leningrado”
- b. En primavera Juan **visitó** Leningrado. (Hernanz e Brucart, 1987, p. 95)

¹³ Por exemplo: 1) a restrição de fronteamto de elementos no espanhol moderno (no espanhol antigo, qualquer elemento podia ser fronteamto); 2) a *clitic left dislocation*, já que no espanhol antigo o fronteamto de constituintes não implicava o uso do clítico dentro da sentença, como acontece no espanhol moderno; 3) a colocação pronominal no espanhol antigo podia variar entre ênclise e próclise, já no espanhol moderno a colocação pronominal, com verbos finitos, é sempre próclítica

¹⁴ Neste sentido, o espanhol europeu se distingue do português europeu: enquanto o português europeu pode ser dividido em pelo menos três fases (português arcaico, médio e moderno), o espanhol europeu só se divide em duas fases (espanhol arcaico/antigo e moderno).

¹⁵ A ordem Foco-VS obrigatória pode ser explicada através do Critério-WH, que Rizzi (1991) propõe inicialmente para construções interrogativas e Rizzi (1997) estende para outras construções marcadas. Sintetizando a proposta, o Critério-WH determina que haja uma relação íntima de especificador-núcleo entre os elementos com determinados traços. No caso da topicalização podemos supor a existência de um núcleo nulo que satisfaz o critério desobrigando o movimento do verbo.

¹⁶ As maiúsculas indicam proeminência prosódica.

(10) (Topicalização)
 a. *En el paro, el problema **reside**.
 “No desemprego, o problema reside”

b. *De dos partes el examen **consta**.
 “De duas partes o exame **consta**”

(Focalização)

c. EN EL PARO **reside** el problema.

d. DE DOS PARTES **consta** el examen.

(Hernanz e Brucart, 1987, p. 95)

Assim sendo, alguma diferença há entre as duas fases da língua espanhola, porque o espanhol antigo, como Fontana (1993) dá evidências, ao contrário do espanhol moderno, não apresenta as assimetrias ilustradas em (9) e (10) acima, e as línguas V2 não permitem a ordem XP-S-V, como é possível no espanhol moderno¹⁷.

3.1. *Problemas principais*¹⁸

Sintetizando, esta investigação tem os seguintes problemas principais com relação ao espanhol:

1. Como o espanhol antigo e o espanhol moderno podem ser caracterizados com relação ao efeito V2? O espanhol moderno ainda seria uma língua V2?
2. O que mudou com relação à ordem de palavras/posicionamento do verbo/efeito V2 na história do espanhol?
3. Como os fatos da história externa podem se relacionar com os fatos lingüísticos da história interna da sintaxe do espanhol?

Diante desse quadro, acreditamos ser muito importante uma análise da relação do verbo com outros elementos da sentença. Assim, procederemos a uma análise da posição do sujeito, do

¹⁷ É necessário saber se as ordens XP-S-V e XP-V-S representam sempre a mesma estrutura informativa, ou seja, se esse XP é sempre um tópico e o sujeito não representa um foco. Se a ordem XP-S-V representar tópico-sujeito neutro-verbo e a ordem XP-V-S representar tópico-verbo-sujeito focalizado, é evidente que não podem ser comparadas com relação aos fenômenos que pretendemos observar.

¹⁸ Em Pinto (2010a; 2010b), apresentamos alguns resultados preliminares para algumas das perguntas feitas aqui.

objeto e dos advérbios na sentença a fim de oferecer diagnósticos para o caso do espanhol, considerando que no espanhol moderno ainda são produtivas as ordens VS ou V-XP-S¹⁹.

Com relação ao sujeito, interessa-nos, entre outras questões, diagnosticar sua posição na sentença observando se, ao frontear algum elemento, é possível a ordem SV ou somente a ordem VS. Neste sentido, a) se a ordem é VS, interessa-nos saber qual é a posição do sujeito (se está dentro ou fora do VP); b) se a ordem for SV, interessa saber se o sujeito está dentro ou fora do IP²⁰.

No caso dos objetos, faremos uma análise da ordem O(X)V a fim de observar a relação entre fronteamto de objetos, recuperação com clítico e topicalização/focalização. A literatura (cf. Rizzi, 1997) tem usado a recuperação com clíticos para distinguir tópicos e focos: tópicos seriam recuperados, derivando a ordem O#(S-)CL-V, mas focos não, derivando a ordem O-V(-S)²¹. Pensamos que essa distinção entre tópico e foco a partir do aparecimento ou não do clítico pode ser útil para línguas nas quais há uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito, como o italiano moderno; mas não é útil para línguas V2²². Acreditamos também que uma análise na qual o investigador parte previamente de que O-(S-)CL-V significa topicalização e O-V(-S) indica focalização, como é o caso do italiano e do espanhol modernos, pode trazer resultados equivocados para línguas desconhecidas ou fases remotas de uma língua conhecida, da qual não dispomos de nada além das evidências positivas, ou seja, os dados²³.

No tocante aos advérbios, é interessante observar como os mesmos tipos de advérbio se posicionam com relação ao verbo nas duas fases da língua. Biberauer (2002) comenta que a adjunção adverbial permitida em inglês é estritamente proibida em línguas V2 bem comportadas.

Além disso, relacionaremos a ordem de palavras com a estrutura informativa da sentença, observando a estrutura da topicalização e da focalização para uma melhor caracterização do V2

¹⁹ Ordóñez (1997) propõe que, no espanhol moderno, o sujeito pós-verbal na ordem V-XP-S sempre está focalizado, que, a priori, não impõe dificuldades à nossa análise.

²⁰ Vale destacar que uma série de estudos, por exemplo, Lois (1989), Ordóñez (1997) e Ordóñez e Olarrea (2006) propõem uma análise em que o sujeito pré-verbal, no espanhol moderno, esteja em uma posição fora do IP.

²¹ Fernández-Ordóñez (2009) comenta que o espanhol antigo se comportava dessa maneira. Fontana (1993), por outro lado, mostra a possibilidade de fronteamto de objetos sem recuperação com o clítico, tal como acontece nas línguas V2.

²² O que pode estar acontecendo, caso as ordens TOP-S-V e TOP-V-S tenham o mesmo estatuto informativo, é uma variação gramatical, refletindo algum processo de mudança (competição de gramáticas?) com relação à posição do sujeito no espanhol. Ou seja, o espanhol moderno ainda teria disponíveis duas posições, uma pré e outra pós-verbal para o sujeito.

²³ A isso, adicionamos a possibilidade de objetos nulos, como no português brasileiro, em que há um tópico à esquerda e não há um clítico que o recupere: “O livro compramos ontem”.

na história do espanhol. Hinterhölzl e Petrova (2010) analisam a mudança da ordem V1 para a ordem V2 em línguas germânicas e diz que o germânico antigo (Old High German) era muito menos rigoroso com relação ao fenômeno V2 que o alemão moderno, por exemplo. No germânico antigo, a ordem era sempre V1 e só havia V2 quando havia um tipo específico de tópico (*aboutness topic*) na sentença. O alemão generalizou a posição inicial para qualquer tipo de constituinte e assim desencadeou um V2 rigoroso. Neste sentido, mesmo nas línguas V2, nas quais qualquer elemento pode ser frontado, a maior porcentagem é sempre de ordem SV. Hinterhölzl e Petrova (2010) comentam que, mesmo no alemão, uma ordem OV em orações matrizes, tipicamente V2, por exemplo, só é possível quando o objeto tem traços de tópico. Assim uma pergunta como “O que aconteceu?” não pode ser respondida com uma ordem OVS porque o objeto não tem traços de tópico. Nesses casos em que não há um tópico marcado na sentença, sempre é o sujeito quem vai ocupar a primeira posição devido ao Minimal Link Condition, proposto por Chomsky (1995), que diz que, na competição de dois elementos por uma mesma posição, o elemento mais próximo é quem deve se mover (ver também Arteaga, 1998). Daí podemos entender por que, mesmo em línguas V2, a ordem SV é predominante.

3.2. Metodologia empregada

O *corpus* diacrônico utilizado nesta investigação já foi elaborado. Constituímos um *corpus* com textos coletados a partir do *Corpus Diacrônico del Español* (CORDE) e do *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), disponíveis eletronicamente na página da Real Academia Española (www.rae.es). Como praticamente todas as sentenças dos textos serão utilizadas, optamos por amostras variadas a fim de ter uma melhor visão do período não analisando exclusivamente um único autor, o que poderia refletir um estilo de escrita particular e não a gramática de um determinado período.

O *corpus* contempla textos dos séculos XIII ao XX. Pretendemos retroceder, se possível, até o século XII a fim de verificar se as fases mais antigas da língua possuíam um efeito V2 mais rigoroso. Contudo, podemos pensar que, se o V2 das românicas medievais é decorrente do contato com as línguas bárbaras e as germânicas antigas eram mais flexíveis com relação ao V2, como mostram Hinterhölzl e Petrova (2010), é bem provável que, mesmo que retrocedamos ao primitivo dialeto castelhano, não encontremos tal rigorosidade, como nas germânicas modernas, com relação ao V2.

Na próxima etapa, procederemos a uma revisão dos dados coletados e analisados e faremos a análise formal dos mesmos. A análise formal tem dois objetivos:

1) identificar as possibilidades de ordenação de constituintes nas duas fases do espanhol:

Como estamos assumindo a hipótese de Fontana (1993), fica implícito o fato de que acreditamos que a posição do verbo é a mesma em ambas as fases e o que muda são outros aspectos da gramática do espanhol;

2) identificar o que causou a mudança gramatical com relação ao efeito V2 na língua:

As causas da mudança podem ser internas ou externas. Interessa-nos, portanto, seguindo uma linha de investigação como propõe Paixão de Sousa (2004), saber não apenas que parâmetro mudou e/ou as motivações internas para essa mudança paramétrica; mas também quais as relações dessas mudanças internas com a história externa da língua, isto é, contato de línguas, migrações populacionais etc.

Interessa-nos orações em que haja, pelo menos, um elemento na sentença além do verbo. Assim, sentenças como “morreu”, “disse que”, “e foi”, foram descartadas por não oferecerem evidências sobre a posição do verbo nem sobre as possibilidades de ordenação de constituintes. Os dados foram classificados seguindo critérios que nos parecem interessantes e gostaríamos de combinar: ordem dos constituintes, tipo do verbo, tipo de oração, posição do clítico (quando há), finitude²⁴ e estatuto discursivo (se há tópico e foco). Além de operar com a quantificação desses dados.

Assumimos a hipótese de Fontana (1993) de que, no caso do espanhol, o que muda nas duas fases da língua não é a posição do verbo, mas sim as características da posição SpecIP. Interessa-nos, portanto, descobrir o que desencadeou essa mudança. Em termos estritamente lingüísticos, podemos seguir dois caminhos: 1) alguma coisa mudou previamente e fez com que a posição SpecIP fosse reanalisada posteriormente. Fontana (1993) mostra um interessante cruzamento de dados: a *clitic left dislocation* começa a aparecer quando a possibilidade de frontear qualquer elemento vai diminuindo. 2) um aumento na quantidade de ordem SV fez com que a posição SpecIP fosse reanalisada exclusivamente como uma posição A e daí outras coisas mudaram na gramática do espanhol.

²⁴ A priori, trabalharemos somente com os verbos finitos.

4. A teoria da gramática e a sócio-história das línguas

Para finalizar, Roberts (2007) comenta que alterações no ambiente podem gerar alterações na gramática e, portanto, podem causar mudanças lingüísticas. Neste sentido, Paixão de Sousa (2004) comenta que não é adequado que as pesquisas em sintaxe diacrônica, mesmo dentro de um quadro formal, como a gramática gerativa, ignorem (mesmo de forma consciente) os fatos históricos. Paixão de Sousa (2004, p. 18-19) diz: “[e]ntendo que um texto escrito será antes de tudo um objeto histórico (concreto, se quisermos), pois é produzido, recebido, preservado e investigado em circunstâncias historicamente construídas” (grifos da autora). Ou seja, mesmo que a preocupação da lingüística gerativa seja a mente, quando esse modelo teórico é deslocado de uma análise sincrônica para uma análise diacrônica, tais fatos históricos, como os pontuados por Paixão de Sousa (2004), não podem ser simplesmente abstraídos da investigação lingüística.

Mattos e Silva (2008) comenta que há uma diferença entre lingüística diacrônica e lingüística histórica. A primeira se deteria na análise das mudanças internas ao sistema; a segunda levaria em conta o contexto social em que tais mudanças ocorreram. Podemos concluir, pela posição de Paixão de Sousa (2004), que mesmo nos quadros formalistas, uma análise meramente diacrônica, nesta distinção de Mattos e Silva (2008), pode fornecer resultados incompletos, parciais e até mesmo não verdadeiros da mudança lingüística.

Charlotte Galves, em comunicação pessoal, comenta que na história do português há uma mudança lingüística retratada nos textos que não se deve a uma simples mudança de gramática, ou seja, um parâmetro que mudou, mas a uma mudança no centro de prestígio de Portugal na época. Isto é, como a escrita era privilégio de poucos, quando o centro letrado e escritor mudou a língua registrada também mudou. Se o investigador não tem essa informação pode considerar os fatos da história da língua como um *continuum* lingüístico, quando, na verdade, houve uma interrupção e substituição lingüísticas.

Desta forma, mesmo que este trabalho se insira dentro do quadro da gramática gerativa, é mister um conhecimento da sócio-história do espanhol especificamente e de alguma medida das línguas românicas e germânicas em geral para que uma boa análise diacrônica da sintaxe do espanhol seja feita²⁵.

²⁵ Embora metade deste trabalho seja de sintaxe comparada, a única língua a que nos interessa investigar a dinâmica da mudança lingüística é o espanhol europeu. As outras línguas serão utilizadas para a comparação de sincronias.

Parece-nos, portanto, que não seria demais supor que o efeito V2 nas românicas antigas se deva a um contato com as línguas germânicas a partir das invasões bárbaras no Império Romano a partir do século IV d.C.. Podemos nos perguntar como as línguas românicas vieram de um latim, língua na qual o verbo estava em posição final, para línguas nas quais o verbo aparece na segunda posição. Acreditamos que esse fato não pode ser devido exclusivamente a uma mudança estritamente gramatical no latim tardio/romances medievais.

REFERÊNCIAS

- ARTEAGA, Deborah. Sobre el V2 en el francés antiguo y la fuerza relativa de los rasgos sintácticos, **Thélème, Revista Complutense de Estudios Franceses**, n. 13, 1998, p. 171-184.
- BIBERAUER, Theresa. Verb second in Afrikaans: Is this a unitary phenomenon?, **Stellenbosch Papers in Linguistics**, v. 34, 2002, p. 19-69.
- CHOMSKY, Noam. **El programa minimalista**. Trad. Juan Romero Morales. Madrid: Alianza, 1995.
- _____. A minimalism program for linguistic theory. In.: HALE, K.; KEYSER, S. J. (org). **The view from Building 20**. Cambridge/Mass.: MIT Press, 1993, p. 1-52.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inês. **Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí**. Universidad Autónoma de Madrid. Citado do Manuscrito, 2009.
- FONTANA, Josep M.. **Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish**. Ph.D Dissertatiton, Universidade da Pensilvânia, 1993.
- HERNANZ, María Lluisa; BRUCART, José María. **La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple**. Barcelona: Crítica, 1987.
- HINTERHÖLZL, Roland; PETROVA, Svetlana. From V1 to V2 in West Germanic, **Língua**, v. 120, issue 2, 2010, p. 315-328.
- KAYNE, Richard. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: MIT Press. 1994.
- LARSON, R.. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, n. 19, 1988, p. 335- 391.
- LOIS, Ximena. **Aspects de la syntaxe de l'espagnol et theorie de la grammaire**. Tese (Doutorado em Linguistique Générale), Universidade de Paris VIII, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORDÓÑEZ, Francisco. **Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages**. PhD Dissertation, City University of New York (CUNY), 1997.

ORDÓÑEZ, Francisco; OLARREA, Antxon. Microvariation in Caribbean/non Caribbean Spanish interrogatives, *Probus*, v. 18, 2006, p. 59-96.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PINTO, Carlos Felipe da C.. Orden OV, duplicación clítica y estructura informativa en la historia del español. In: **Actas del III Simposio Internacional de Lengua Española**. São Paulo: Instituto Cervantes, 2010a, (no prelo).

_____. **Algumas questões sobre a ordem de palavras em duas fases da língua espanhola**. Submetido à coletânea de trabalhos apresentados no I Congresso Internacional de Lingüística Histórica, a ser publicada em forma digital, 2010b.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, 1989, p. 365-424.

RIBEIRO, Ilza. **A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). **Elements of grammar**. Kluwer: Dordrecht, 1997, p. 281-337.

_____. **Residual verb second and the Wh criterion**. University of Geneva, Ms, 1991.

ROBERTS, Ian. **Diachronic Syntax**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida. **Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 1995.

VANCE, Bárbara; DONALDSON, Bryan; STEINER, Devan. V2 Loss in Old French and Old Occitan: The Role of Fronted Clauses. In: **Linguistic Symposium on Romance Languages**, 2009.

VIKNER, Steven. **Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. **Prosody, focus, and word order**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1998.

ZWART, Jan-Wouter. Syntactic vs. phonological verb movement, *Syntax*, v. 4, 2001, p. 34-62.